



DA TELINHA PARA O CIBERESPAÇO:
*estudo das particularidades que o vídeo amador, que integra a produção do
Jornal Nacional, recebe ao migrar para a página do G1*¹

ALVES, Marcelli²
BUENO, Thaísa³
FERREIRA, Fernanda⁴

Resumo: Este artigo busca entender as características que impulsionam uma matéria exibida no *Jornal Nacional*, com uso de vídeo amador, ser veiculada também na página de notícias do site da Globo na Internet, o portal G1, bem como o tratamento que esse material recebe a partir do momento em que o conteúdo migra da plataforma tradicional para o ciberespaço. Embora o *Jornal Nacional* tenha uma página exclusiva na internet, dentro do Portal G1 inclusive (www.g1.com.br/jornalnacional), nesse espaço há apenas reposição do vídeo já exibido na televisão. No entanto, algumas matérias recebem um destaque maior, ocupando, com algum tratamento diferenciado, o espaço mais amplo de notícias do G1. A ideia do estudo é entender porque alguns materiais recebem este destaque em detrimento de outros e como isso acontece. O estudo analisou 96 matérias com vídeo amador veiculadas no telejornal durante o ano de 2014. O resultado aponta o pouco entusiasmo da emissora em pensar um conteúdo complementar, padronizado e, quem sabe, até transmidiático, na página da internet.

Palavras-chave: Jornal Nacional. Vídeo Amador. G1.

¹ Artigo enviado na modalidade apresentação oral

² Graduada em Jornalismo; Especialista em imagem em som; Mestre em Produção e Gestão Agroindustrial; Doutoranda em Comunicação pela Unb. Pesquisador da Universidade Federal do Maranhão. E-mail: alves.marcelli@yahoo.com.br

³ Graduada em Jornalismo; Especialista em imagem em som; Doutora em Comunicação pela PUCRS. Pesquisador da Universidade Federal do Maranhão. E-mail: thaisabu@gmail.com

⁴ Graduada em Jornalismo; mestre em Comunicação; Doutoranda em Comunicação pela UnB. Pesquisador da Universidade Federal do Oeste da Bahia. E-mail: fernanda.jornalista82@gmail.com

Introdução

É de Dan Gilmmor (2004) a expressão "ex-audiência", que descreve aqueles que estavam anteriormente à margem da mídia e agora ajudam a produzi-la. A questão por ele levantada com a expressão provocativa é que consumir a mídia no modelo tradicional pode ser bem interessante, mas o público quer decidir o quanto quer consumir assim. Jenkins (2009) já tratava disso quando pontuava sobre como e quanto o público pode participar. O autor chega admitir que nem todos têm acesso à internet e, mais, nem todos têm uma postura participativa, e, portanto, a convergência ainda engatinha, no entanto, defende que, a passos lentos, esse novo modelo de relação entre consumidores diante das produções midiáticas é inevitável.

Se, como diz, anteriormente

[...] cada meio de comunicação tinha suas próprias e distintas funções e seus mercados, e cada um era regulado por regimes específicos, dependendo de seu caráter: centralizado, descentralizado; marcado por escassez ou abundância, dominado pela notícia ou pelo entretenimento, de propriedade do governo ou da iniciativa privada” (JENKINS, 2009, p.38)

Hoje "[...] as velhas e novas mídias colidem, [...]a mídia corporativa e a mídia alternativa se cruzam, e o poder do produtor de mídia e o poder do consumidor interagem de maneiras imprevisíveis” (*Idem*, p. 29).

Nesse cenário, começam-se derrubar as barreiras que separavam uma mídia da outra, um público de outros e, mais, as pessoas dos meios de comunicação. E mais que isso, a convergência, como diz Jenkins (2009), não se resume a uma mudança, ela tem se apresentado como uma necessidade para as empresas de mídia, particularmente diante da fragmentação do mercado, porque, entre outras coisas, ela consolida a fidelização do consumidor.

Em diálogo do que foi ponderado até aqui, a intenção desse trabalho é entender o modelo de convergência presente nos produtos da Organização Globo. Para isso, separamos como recorte do material os vídeos amadores do *Jornal Nacional* e, a partir desse levantamento, também os vídeos que migraram nesse formato que migraram posteriormente para o site de notícias da emissora, o G1 (www.g1.com.br). As análises

foram feitas durante todo o ano de 2014 na tentativa de encontrar vídeos colaborativos que participam da notícia no *Jornal Nacional* e identificar as características que são apresentadas no processo de migração para o site da emissora.

Durante todo o ano de 2014, o *Jornal Nacional* utilizou o vídeo amador em 96 matérias veiculadas, ou seja, 1,63% de todo material exibido no telejornal durante o decorrer do ano contempla esse tipo de produção. Um dado que pode parecer singelo, no entanto, se levarmos em consideração que em todos os meses do ano o telejornal utilizou esses materiais, em alguns meses mais do que o outro, a informação pode ser analisada a partir de outra perspectiva: existe um novo “ator” no contexto do jornalista de televisão, que às vezes consegue um espaço maior, outras vezes menor, mas que durante todo o ano está inserido nesse meio.

Sabendo disso, a pergunta que norteia esse artigo é: dessas telerreportagens, que fazem uso da participação do amador, quantas se transformaram em notícias no ciberespaço, particularmente no portal da emissora? Qual o tratamento dado a esses materiais quando eles migram de uma plataforma para outra?

O Jornal Nacional e o modelo de colaboração

O surgimento no ano de 1969 do *Jornal Nacional*, o primeiro telejornal em rede, marcou o avanço na televisão brasileira, embora o telejornal em questão já fizesse parte da programação da rede globo desde sua inauguração, em abril de 1965. A mudança no telejornalismo na TV Globo veio em setembro de 1969, quando Aramando Nogueira assumiu a direção do departamento e começou a ampliá-lo, com mais equipamento e pessoal

Recrutar jornalistas qualificados, porém, não era nada fácil. De acordo com Armando, havia forte preconceito contra a televisão, considerada muito superficial, mais um veículo de entretenimento do que informação. Decidiu então investir em jovens profissionais. Uma de suas principais apostas foi Alice – Maria Tavares Reiniger, que começou com a globo como estagiária e, em pouco tempo, se tornaria seu braço direito. Nos 245 anos seguintes, Armando Nogueira e Alice - Maria comandaram, juntos, o jornalismo da Rede Globo. (MEMÓRIAS GLOBO, 2004, p.18)

De acordo com as *Memórias Globo* (2004), o *Jornal Nacional* foi lançado para competir com o telejornal chamado *Repórter Esso*, na época exibido na extinta *TV Tupi*

e faz parte da estratégia de um projeto de Walter Clark e José Bonifácio Sobrinho, o Boni, na tentativa de transformar a *Globo* na primeira rede de televisão do Brasil. Nesse período o país contava com estações transmissoras em várias capitais, no entanto, nenhuma formava propriamente uma rede por falta de capacidade operacional de transmitir o mesmo sinal ao mesmo tempo para diferentes regiões. Os programas eram apresentados e produzidos localmente ou, então, gravados em filmes e videoteipes, na sede da emissora, para serem distribuídos em regiões do país e chegavam ao destino final com dias e dias de atraso.

No entanto, é da mesma fonte a informação que o após a Embratel, no ano de 1969, ter inaugurado o *Tronco Sul* (uma rota terrestre de sinais de TV que permitiu por um sinal de micro ondas, a integração das cidades do Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre e Curitiba, por meio de uma sequência de postos repetidores, distantes quase 50 quilômetros um do outro), uma nova perspectiva surgiu. “Essa rede proporcionou à TV Globo a capacidade técnica de colocar no ar o primeiro programa verdadeiramente de alcance nacional” (MEMÓRIAS GLOBO, 2004, p. 28). Inicialmente, o telejornal em questão tinha apenas 15 minutos – atualmente o telejornal tem 45 minutos –, e desde o seu início a transmissão era de segunda-feira a sábado. Desde o início a diferença do referido jornal com o seu concorrente direto na época era a possibilidade das testemunhas fazerem parte da matéria.

O pioneirismo de um projeto arrojado também foi importante no crescimento das redes e afiliadas visto que quando o telejornal estreou, além da emissora com sede no Rio de Janeiro, a *Globo* possuía outras duas estações de TV: uma em São Paulo e a outra em Belo Horizonte. Em 1971 a rede se ampliou e inaugurou a *TV Globo* de Brasília. Em 1972 foi inaugurada a de Recife. O *Jornal Nacional* tinha apresentadores próprios em suas principais sucursais.

Ao longo da década de 1970, para efetivar a montagem da rede, a Globo não se contentou em utilizar o sistema de micro ondas da Embratel. Investiu na construção de rotas próprias não só para construção de rotas próprias como também para conduzir os sinais dos grandes centros para as cidades menores, onde foram instaladas estações retransmissoras. (MEMÓRIAS GLOBO, 2004, p. 50).

Essa ação de expansão, a chegada de novos equipamentos e a introdução da TV em cores fizeram com que a *Globo* se colocasse em uma posição privilegiada se comparada a de suas concorrentes. A divisão do jornalismo da emissora, no ano de

1983, entre o de rede e o comunitário também marca os primeiros passos para chegar ao telejornalismo que se tem atualmente. Isso por que a partir dessa atitude a *Globo* passou a investir no aperfeiçoamento das afiliadas, levando jornalistas das diversas praças para serem treinados na sede da emissora, no Rio de Janeiro. Os treinamentos oferecidos abarcavam da reportagem à edição de imagem e cinegrafia, além disso, a proposta era a uniformização das falas dos repórteres e apresentadores espalhados pelo país, minimizando os sotaques regionais. Para isso, a equipe passou a contar com uma fonoaudióloga.

O controle de qualidade dos materiais que ganham espaço no telejornal é preocupação desde a sua origem. Mas foi na década de 1990 que o início da informatização marcou grandes transformação na produção da notícia do telejornal. De acordo com Memórias Globo (2004), a primeira delas é que os computadores passaram a interligar online todas as praças, repórteres e editores conseguindo uma agilidades bem diferente da vivida anteriormente.

Um outro marco atrelado à revolução tecnológica foi a decisão, em 1996, de retirar a dupla de apresentadores que acompanhavam o telejornal desde o início, Cid Moreira e Sérgio Chapelin, para colocar em seus respectivos lugares os jornalistas William Bonner e Lillian Witte Fibe. No mesmo período William Bonner passou a ser responsável pelos assuntos nacionais e Lillian Witte Fibe pelos econômicos. Nesse período o responsável pelo telejornal lançava um desafio dizendo que o telejornal devia ser tanto de “interesse público” como de “interesse do público”. A partir disso novos quadros foram criados e passaram a contar com a participação de comentaristas especializados. No ano 2000, o telejornal também foi reformulado, deixou de ser apresentado em um cenário definido e passou a ser transmitido de dentro da redação, deixando-a a exposta nos fundos.

Um evento importante a ser citado neste trabalho foi quando Carlos Henrique Schroder assumiu a direção de jornalismo, em 2001, mesmo ano que o mundo assistiu a queda das torres gêmeas do *World Trade Center*, em *Manhattan*, Nova York. No mesmo dia, a prédio do Pentágono, centro do poder militar dos Estados Unidos, também foi atingido. Ambos os casos foram detectados como frutos de um atentado terrorista. A rede Globo foi a primeira TV aberta brasileira a mostrar um *flash* do atentado. Apenas sete minutos após o choque do primeiro avião na torre norte a emissora exibiu as imagens vindas da CNN, emissora norte-americana. Embora a emissora tenha equipe

nos Estados Unidos designada para fazer toda a cobertura, a imagem mais utilizada foi a reproduzida pela CNN, oriunda das câmeras fixas do governo americano. Ou seja, imagens colaborativas que não se enquadravam dentro dos padrões estipulados pela emissora eram utilizadas pela primeira vez no telejornal.

G1 x Jornal Nacional: o modelo híbrido da colaboração

O Portal de Notícias *G1* é mantido pela *Central Globo* de Jornalismo. O lançamento do portal ocorreu em setembro de 2006 e usualmente coloca à disposição do leitor conteúdos de suas várias praças que seguem o endereço padrão do site www.g1.com.br seguido de barra e então o nome da afiliada. Esses conteúdos disponibilizados não são exclusivos do *Jornal Nacional*, mas sim do telejornalismo da emissora. Ou seja, ele é alimentado pelas afiliadas mantidas pela *Organização Globo*, além de contar, também, com reportagens próprias.

Todas as praças apresentam *layout* que seguem o padrão do *G1* nacional. O portal disponibiliza os formatos de texto, foto, áudio e vídeo e é alimentado 24 horas por dia. Desde 2010 oferece as versões em inglês e espanhol, além dos vídeos legendados nos dois idiomas. Logo na capa é apresentado o slogan em destaque: “G1, O portal de notícias da Globo”.

O portal disponibiliza *widget* como Esporte, Tecnologia, Planeta Bizarro e as Mais Lidas e oferece uma grande gama de informação diariamente. Como todas as afiliadas alimentam o portal, informações de todo o Brasil chegam a todo o instante para serem “filtradas” e analisadas quando a prioridade de divulgação nacional.

Quando o portal divulga as notícias, oferece a possibilidade dessas serem compartilhadas via a rede social (*Facebook*, *Twitter*, *Google +*) ou compartilhada via *Pinterest*. Além disso, quando o leitor quer emitir sua opinião, tem a possibilidade de clicar em cima de um ícone semelhante a um balão no qual é convidado a deixar o seu comentário. O G1 é o canal institucional para envio de vídeos colaborativos para a emissora, no entanto, os vídeos colaborativos utilizados pela *Jornal Nacional* não são oriundos apenas deste canal, mas são, via de regra, reutilizados como informação para o portal. Analisar esses materiais foi o foco desse estudo. Dessa forma, na tentativa de

suprir as dúvidas que emergem frente a relação entre esse modelo híbrido, classificado dessa forma por tratar de cibermeio e telejornalismo em um único produto.

A apropriação e Interatividade

A trajetória do jornalismo na Internet passou por várias etapas e entendê-las é importante para o desenvolvimento do trabalho e também para o entendimento do conceito de apropriação. Estudos embasados em autores nacionais como Barbosa (2007), Machado (2004) e Mielniczuk (2001 e 2003) classificam a evolução do webjornalismo em fases que ficaram assim conhecidas: webjornalismo de primeira, segunda, terceira chegando à quarta geração. As gerações eram analisadas por meio de metáforas.

Quando surgiu a quarta geração muitos acreditavam que seria a última fase, pois sugere, entre outros, o desenvolvimento de sistema de gestão de conteúdos mais complexos e baseados em *softwares* e linguagens de programação com padrão colaborativo. No entanto, Grossmann e Mielniczuk (2010) instigam a reflexão sobre o surgimento de uma quinta geração do webjornalismo. As autoras afirmam:

Uma quinta geração de webjornais será possível quando suas interfaces passem a ser pensadas não apenas em termos de metáforas, mas principalmente elaboradas a partir de estratégias comunicacionais. Tal visão propõe que se dê um passo adiante na questão do pensar as estratégias para a elaboração da interface, porque não basta ao webjornal estabelecer estratégias naquele sentido institucional, empresarial, conhecido como planejamento estratégico. É necessário que sejam também pensadas as estratégias comunicacionais constituintes das interfaces gráficas, uma vez que serão estas que irão atender aos objetivos comunicacionais do referido formato de jornal: atrair, conquistar o leitor ou um novo leitor. (GROSSMANN E MIELNICZUK, 2010, p. 01).

Essa quinta geração chegou atrelada a outros fenômenos que para Lemos (2004) são os responsáveis por atribuir *status* especiais a equipamentos, que antes eram vistos com função limitada. O autor exemplifica com o telefone:

Um equipamento que é ao mesmo tempo telefone, máquina fotográfica, televisão, cinema, receptor de informações jornalísticas, difusor de e-mails e SMS, WAP, atualizador de sites (moblogs), localizador por GPS, tocador de música (MP3 e outros formatos), carteira eletrônica. (LEMOS, 2004, p.54)

O autor é categórico em afirmar que uma coisa é inventar um dispositivo móvel,

outra coisa é ele ser apropriado culturalmente. Herny Jenkins (2008) segue a linha de pensamento de Lemos (2004). Para ele, a convergência não ocorre por meio de aparelhos, por mais sofisticados que venham a ser. “A convergência ocorre dentro dos cérebros dos consumidores individuais e em suas interações sociais com os outros” (JENKINS, 2008, p. 30). Mas o autor afirmar também usa o celular para mostrar o processo de convergência das mídias e ressalta o impacto deste aparelho no futuro da televisão. Em sua obra o autor cita o pensamento de George Gilder quando o mesmo afirmou que a indústria da informática está convergindo com a indústria da televisão no mesmo sentido em que o automóvel convergiu com o cavalo e a TV convergiu com o *Nickelodeon*. Para o autor a apropriação nesse sentido surge a medida que pessoas comuns se aproveitam das novas tecnologias que possibilitam o arquivamento, a apropriação e a recirculação de conteúdos.

A partir disso, fica nítida a observação de que a apropriação, no contexto da cibercultura, está relacionada a maneira pela qual gera-se a adaptação dos usos do sistema aos interesses dos usuários. A apropriação social das tecnologias está diretamente ligada à utilização dos dispositivos móveis e à integração dessas com o cibermeio. Neste sentido, emergem novas terminologias também, dentre elas a ubiquidade. De acordo com Santaella (2007) a terminologia em questão está relacionada à sensação de estar em dois lugares ao mesmo tempo. Pensamento que é complementado por Machado (2007):

A esse poder que tem o olho enunciador de penetrar nas coisas como um observador invisível e totalizador costuma-se dar o nome de ubiquidade, pois, tal como o sujeito onisciente da literatura, a câmera cinematográfica é um olho que tudo preenche e povoa todos os lugares, arrancando dos eventos, mesmo dos mais íntimos, mesmo dos mais clandestinos, a sua visualização ideal. (MACHADO, 2007, p. 28)

Nesta perspectiva, o pensamento de Recuero (2009) é esclarecedor. A autora trabalha o conceito de apropriação voltado para as redes sociais na Internet e defende que nesses espaços comumente ocorre à apropriação social, que em tese permite a criação de novas possibilidades de uso, novos valores para um mesmo produto, diferente, inclusive, daquele ao qual foi pensado. A autora, inclusive, faz uso dos estudo de Zago (2011) sobre o *Twitter*, em que destaca o que ele chamou de replicação para

explicar essa mutação de sentido das ferramentas a partir do momento em que passam a ser ressignificadas no seu uso.

Por exemplo, é bastante comum que as informações repassadas no Twitter sejam constituídas de um link (ou hiperlink). O link é, em si, um caminho para outra informação. Pode ser um vídeo no YouTube, uma matéria em um blog ou mesmo, uma foto no Flickr ou no Tumblr. Cada link, portanto, representa uma informação já mediada dentro de outra mediação. (RECUERO, 2009, p. 04).

A autora faz um comparativos com as premissas de McLuhan (1964), quando o autor fala que o efeito de um meio se torna mais forte e intenso justamente porque o seu "conteúdo" é outro meio. Para ela, o autor está se referindo a meios dentro de outros meios.

No caso do hipertexto, essa constatação é mais complicada. O link é um caminho, mas conecta hiperdocumentos que trazem informações, quase sempre, já publicadas em outros ambientes. Por exemplo, um vídeo no YouTube quase sempre é um vídeo televisivo, que por sua vez, compreende os quadros da fotografia e pode ser uma reinterpretação, por exemplo, de uma história que está em um livro. Assim, as redes sociais na Internet atuam de forma a hipermediar as informações, trazendo-lhes ainda efeitos mais complexos justamente, por conta deste conteúdo. (RECUERO, 2009, p. 45)

Esse assunto também é discutido por Barbosa (2007). Para ela, os meios que permitem a participação refletem a apropriação de tecnologias como bases de dados (BDs) que permitem facilitar a construção de produtos personalizados na web por qualquer indivíduo. O aparecimento de espaços colaborativos em jornais digitais demonstra a apropriação do modelo de construção de notícias a partir da contribuição de amadores.

É cabível ressaltar aqui, ao falar de apropriação e da possibilidade de participação dos amadores na produção de conteúdo, às questões voltadas à instantaneidade que a comunicação mediada pela informática permite, além do armazenamento e recuperação de informações. Estes dois últimos diretamente atrelado ao processo que os vídeos amadores postados sofrem ao migrarem para a televisão. Quando voltada à comunicação mediada pela máquina Primo (2008) diz que a convencional fórmula de comunicação presente nas raízes da Teoria da Informação expressa pela fórmula: emissor, mensagem, meio, receptor foi atualizada no seguinte modelo: *webdesigner*, site, internet, usuário. Para ele, a diferença principal nesse

processo é que não apenas se recebe o que o emissor transmite, mas passa-se a existir a possibilidade da busca de informações que se quer. Ainda sobre essa premissa o autor diz que essa é a nova fórmula da interatividade.

É importante lembrar, assim como ressalta o autor, que a interação tratada neste trabalho é diferente de interação social, mas sim de forma simplista como a “ação entre” os participantes do encontro (inter + ação). Trazemos a discussão de que a comunicação não será mais a mesma. Se antes a comunicação de massa tratava basicamente de uma lógica de distribuição, surge agora como uma lógica de comunicação, tendo em vista a participação – intervenção mediada por computador. Thompson (1998) faz um contraste entre a comunicação realizada entre pessoas de forma direta (face a face) e a mediada. De acordo com o autor, na primeira (face a face) o relacionamento ocorre pela aproximação e o intercâmbio simbólico em um ambiente físico. Já a comunicação mediada pela máquina oferece novas formas de ação e conseqüentemente novos modelos de relacionamentos sociais. O ambiente físico perde a sua importância. A partir disso, o autor sugere uma tabela nas quais define os tipos de interação mas ressalta que esse modelo não esgota as possíveis maneiras de interação.

Tabela 1 : Tipos de Interação

Características interativas	Interação face a face	Interação mediada	Interação quase mediada
Espaço – tempo	Contexto de co-presença: sistema referencial espaço – temporal comum	Separação dos contextos; disponibilidade estendida no tempo e no espaço	Separação dos contextos: disponibilidade estendida no tempo e no espaço
Possibilidade de deixas simbólicas	Multiplicidade de deixas simbólicas	Limitações das possibilidades de deixas simbólicas	Limitações das possibilidades de deixas simbólicas
Orientação da atividade	Orientada para outras específicos	Orientada para outros específicos	Orientada para um número indefinido de receptores potenciais
Dialógica/monológica	Dialógica	Dialógica	Monológica

Fonte: THOMPSON, 1998, p. 80

O que nos é salutar nesse quadro sugerido por Thompson (1998) é o que ele chama de interação quase mediada, que embora seja disseminada no espaço e no tempo é monológica, isso é, representa um fluxo de comunicação em sentido único, dos produtores para um número indefinido de receptores potenciais. Para o autor, embora não ofereça a possibilidade de reciprocidade com outras formas de interação, não deixa

de ser um processo interativo.

O autor ressalta que os receptores dispõem de poucas formas de intervenção, como telefonar ou mandar cartas. Esses modelos definidos pelo autor foram refinados com a inserção e proliferação das plataformas de compartilhamento de vídeos na Internet que permite a migração de um vídeo colaborativo de um meio para o outro e vice-versa.

Este trabalho adota o conceito de interatividade baseado nas premissas de Jensen (1999), que define a mesma como parte da habilidade potencial da mídia em permitir que o usuário exerça uma influência no conteúdo e/ou na forma da comunicação mediada. Após desmembrar os conceitos desenvolvidos acima, a apropriação e a interatividade, faz-se necessário o estudar da maneira como isso ocorre, no contexto dos vídeos colaborativos que migram do cibermeio para o telejornal.

Integração das redações de televisão com a do jornalismo *online*

A integração das redações tem sido um dos resultados proporcionados pelas novas tecnologias. “A fusão das redações é apenas uma das práticas concretas da convergência.” (SALAVERRÍA; NEGREDO, 2008, p.51). Para os autores, o termo integração é utilizado para definir a unificação para um mesmo núcleo das operações de duas ou mais redações.

No entanto, o que nós nos propomos é analisar sobre esse aspecto é a migração entre os vídeos colaborativos utilizados no *Jornal Nacional* e seu deslocamento para a ciberespaço e vice-versa. Portanto, estaremos falando sobre convergência de conteúdo. Essa atitude se justifica em função de que todos os vídeos exibidos como telerreportagem no referido jornal são disponibilizados no endereço www.g1.com.br/JN, numa transposição simples, ou seja, apenas um repositório do vídeo e replicação do conteúdo já exibido na TV. No entanto, a nossa investigação é quando esses produtos se transformam em notícia diferenciada, com uma linguagem mais adaptada ao jornalismo online, e ocupam então não a página do telejornal na internet, mas o espaço noticioso do portal G1.

Canavilhas (2012) diz que a convergência de conteúdo é o elemento fundamental na identificação de um processo de convergência, já que seria a primeira etapa para que outros processos de integrações pudessem ser permitidos.

Análises dos materiais

A análise foi feita durante todo o ano de 2014. Para isso, assistiu-se a todos os episódios do *Jornal Nacional* no decorrente ano. Ao todo foram exibidos de segunda-feira a sábado 314 episódios do *Jornal Nacional*, resultando em 5887 notícias televisivas. Classificou-se aqui como notícias televisivas as telerreportagens, as notas cobertas e os *links* ao vivo. Dessas foram encontrados 96 materiais que utilizaram o vídeo amador. Concomitantemente fizemos a análise diária do site G1, para identificarmos se esses vídeos colaborativos também foram utilizados no referido veículo e constatou-se que dos 96 casos apresentados no jornal, 23 apareceram também no *site*. Ou seja, menos de um quarto deles conseguem convergir. Nesse sentido, a proposta agora, a partir da análise que segue, é entender as particularidades dessas escolhas e se há algum padrão que remeta ao significado real do que representam essas duas plataformas no que tange a participação do colaboração.

Ao analisarmos os materiais exibidos no mês de janeiro do ano de 2014 percebemos que:

Em janeiro foram veiculadas quatro matérias com uso de vídeo amador – no dia 01.01.2015 uma nota coberta que trazia a manchete “PM é morto após perseguição a um carro roubado em São Paulo”; no dia 02.01.2015, uma notícia sobre a maré alta que arrastou vários carros em São Luis no Maranhão; no dia 11.01.2014, foi exibida a telerreportagem que mostrava que os passageiros de um voo da TAM enfrentaram atrasos em função de um cancelamento, em Belém; e por fim, no dia 31.01.2014 imagens amadoras foram utilizadas em forma de nota coberta explorando a informação de que a polícia do Pará investigava conflitos entre sem-terra e seguranças de uma fazenda. Nesse mês, todas os vídeos amadores foram divulgados em formato de matéria e em apenas um caso a matéria migrada para o site não faz menção ao uso de imagens de colaboradores. Quando migram para o site do programa na página do G1, todas as matérias sofrem alterações, embora o internauta tenha a disposição o vídeo do *Jornal Nacional* na íntegra para assistir. Outro ponto importante a ser notado é que as reportagens do site, quando baseadas no material do *JN*, não foram assinadas.

Assunto	Migrou para o G1	Menção ao vídeo amador	Reportagem na íntegra
Polícia investiga aliciamento para atos de violência em manifestações	Reportagem híbrida	Não faz menção ao vídeo amador	É a utilizada no Jornal Nacional
Operação da polícia com quase duzentos policiais termina em troca de tiros	Reportagem híbrida	Não faz menção ao vídeo amador	Não é a mesma utilizada no Jornal Nacional

Quadro 1 - Migração dos vídeos amadores do JN para o G1 no mês de janeiro de 2014

Assunto	Migrou para o G1	Menção ao vídeo amador	Reportagem na íntegra
Assassinato de um PM	Reportagem híbrida	O texto explora a presença do vídeo amador	Não é a mesma do Jornal Nacional
Maré alta arrasta carros no MA	Reportagem híbrida	O texto online não comenta a existência do vídeo amador	Não é a mesma do Jornal Nacional
Passageiros enfrentam cancelamento e atrasos em voos em Belém	Reportagem híbrida	O texto explora a presença do vídeo amador	Não é a mesma do Jornal Nacional
Polícia do Pará investiga conflitos entre sem - terra	Reportagem híbrida	O texto explora a presença do vídeo amador	Não é a mesma do Jornal Nacional

Fonte: As autoras (2015)

Em fevereiro apenas duas reportagem foram encontradas com o perfil da análise. Uma, exibida no dia 13.02, afirmava que a polícia investigava aliciamento para atos de violência em manifestações. O vídeo utilizado como modelo híbrido foi o mesmo utilizado no *Jornal Nacional*: uma Nota Coberta lida pela apresentadora Patrícia Poeta. O texto é assinado, mas deixa claro que a reportagem tinha informações do Jornal Nacional. Não há menção sobre a utilização de vídeo amador no material. A outra reportagem, exibida no dia 22.02, tratava de uma operação da polícia que terminou com troca de tiros intensa no interior de Minas Gerais. O texto online não é assinado, não faz menção ao vídeo amador e não exibe a mesma reportagem utilizada no *Jornal Nacional*.

Quadro 2 - Migração dos vídeos amadores do JN para o G1 no mês de fevereiro de 2014

Fonte: As autoras (2015)

No mês seguinte, março, mais duas matérias foram catalogadas. A reportagem exibida no dia 18 que trazia a informação sobre a certidão de óbito da mulher arrastada em carro da PM que indicava morte por tiro conseguiu espaço no G1. O vídeo utilizado não foi o mesmo do *Jornal Nacional* e o texto online faz menção a imagem amadora. A reportagem que explora o fato dos estudantes da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC mantêm ocupação do prédio da reitoria após confronto com a polícia. O referido material migrou para o G1. A assinatura é: G1 de SC e o texto online não faz menção as imagens amadoras. A reportagem utilizada no modelo híbrido não é a mesma exibida no *Jornal Nacional*. É uma semelhante, porém, atualizada pelo mesmo repórter que fez o material para o *Jornal Nacional*.

Quadro 3 - Migração dos vídeos amadores do JN para o G1 no mês de março de 2014

Assunto	Migrou para o G1	Menção ao vídeo amador	Reportagem na íntegra
Certidão de óbito da mulher arrastada em carro da PM indicava morte por tiro	Reportagem híbrida	O texto online faz menção ao vídeo amador	Não foi a mesma do Jornal Nacional
Estudantes da UFSC mantêm ocupação do prédio da reitoria após confronto com a polícia	Reportagem híbrida	O texto online não faz menção ao vídeo amador	Matéria reeditada para dar uma nova roupagem à original do Jornal Nacional

Fonte: As autoras (2015)

Em abril mais cinco matérias com vídeo amador foram exibidas no JN, ainda que nenhuma tenha conseguido espaço no G1, ainda que tenham perfis bem parecidos com as exibidas nos meses anteriores, com pautas de violência e matérias de enfoques regionais. As reportagens exibidas na televisão, com vídeo amador, que não migraram para o G1 são: A reportagem exibida no dia 03.04 que tratava da reconstituição da morte de uma mulher que foi arrastada por um carro da polícia; matéria do dia 09.04, que mostrava o protesto em relação a superlotação dos trens no Distrito Federal; matéria exibida em 11.04, que trata do confronto entre invasores de um terreno com a PM durante a desocupação; em seguida a do dia 16.04 que cobriu a investigação da corregedoria de São Paulo de uma possível humilhação que um homem ferido teria sofrido da PM. Por fim as matérias do dia 21.04, que noticiava o fato de mulheres darem à luz no meio da rua, na Bahia e no Rio de Janeiro; e outra do dia 23.04, que tratava sobre o terem encontrado um avião que tinha desaparecido na Amazônia.

Depois de um mês sem postagens dessa natureza, em maio duas reportagens conseguiram emplacar no ciberespaço do veículo. Uma delas, exibida no dia 05.04, explorava o fato de uma dona de casa ter morrido depois de ser espancada por moradores em função de um boato espalhado na internet, o qual afirmava que ela sequestrava crianças. Na página, o texto traz as informações extras e mostra, como hipertexto, a imagem brutal do espancamento seguido da chegada da polícia para resgatar a senhora. O texto cita as imagens amadoras utilizadas.

Também nesse mês a reportagem exibida no dia 28.05, que narrou o atraso de um voo que seguia de Salvador – BA para Portugal, conseguiu espaço no G1. O texto faz referência ao vídeo feito por passageiro que mostra o tumulto causado momentos depois do desembarque. O a reportagem utilizada não é a mesma do *Jornal Nacional*.

Quadro 4 - Migração dos vídeos amadores do JN para o G1 no mês de maio de 2014

Assunto	Migrou para o G1	Menção ao vídeo amador	Reportagem na íntegra
Dona de casa morre espancada por conta de boatos na Internet	Reportagem híbrida	O texto online faz menção ao vídeo amador	Não, apenas o vídeo amador bruto
Atraso de um voo de Salvador para Portugal	Reportagem híbrida	O texto online faz menção ao vídeo amador	Não, apenas o vídeo amador bruto

Fonte: As autoras (2015)

No mês de junho mais uma pausa. As três reportagens exibidas no JN com vídeo amador, veiculadas nos dias 07, 19 e 25, que tratavam respectivamente sobre a queda de um helicóptero que matou o ex-jogador Fernandão, no Estado de Goiás; o fato do Cônsul do Chile ter dito que punição aos torcedores saiu barata; e por fim a que narrou o fato de milhares de argentinos sem ingresso terem tentando acompanhar o jogo da copa do mundo em Porto Alegre, não migraram para o G1.

Em julho, das três matérias que entraram na grade do telejornal, com o uso do vídeo amador, apenas uma conseguiu espaço também no ciberjornal. A notícia exibida no dia 04.07 sobre o fato de a Secretaria de Obras de Belo Horizonte não descartar erro na fiscalização do viaduto que desabou, migrou para o G1. O assunto foi explorado e os detalhes da imagem amadora também, na reportagem escrita. O material disponibiliza as imagens brutas para o internauta. Por outro lado, a reportagem do dia 17.07, sobre a morte de uma criança baleada por policial no interior da Bahia; e a notícia divulgada no dia 19.07 sobre a polícia investigar omissão de socorro em frente a um hospital de São Paulo não conseguiram espaço no G1.

Quadro 5 - Migração dos vídeos amadores do JN para o G1 no mês de julho de 2014

Assunto	Migrou para o G1	Menção ao vídeo amador	Reportagem na íntegra
Secretaria de obras de Belo Horizonte não descarta erro na fiscalização de viaduto que desabou em BH	Reportagem híbrida	Sim, a reportagem cita os detalhes do vídeo amador	Não, apenas o vídeo amador bruto

Fonte: As autoras (2015)

No mês de agosto a reportagem do dia 13.08 que falava sobre a queda do avião que carregava Eduardo Campo, candidato à presidência, no interior de São Paulo, migrou para o G1. Na notícia, apenas o vídeo amador era explorado e o texto citava os detalhes do material. Nesse mês mais uma reportagem que se enquadrava nos critérios dessa pesquisa também foi compartilhada entre as duas plataformas. Nesse último caso trava-se de uma produção noticiosa do dia 28.08 de origem amadora que mostrava uma discussão entre o menino Bernardo Boldrini – assassinado no interior do Rio Grande do Sul – seu pai e sua madrasta. O material que entra como modelo híbrido não é a mesma matéria exibida no Jornal Nacional e o texto online explica que o fato foi diagnosticado em um vídeo encontrado no celular do pai do menino.

Quadro 6 - Migração dos vídeos amadores do JN para o G1 no mês de agosto de 2014

Assunto	Migrou para o G1	Menção ao vídeo amador	Reportagem na íntegra
Avião de Eduardo Campos cai no interior de São Paulo	Reportagem híbrida	Sim, o texto explora os detalhes do vídeo	Não, apenas o vídeo amador bruto
Discussão entre o menino Bernardo	Reportagem híbrida	Sim, o texto explora os detalhes do vídeo	Não, uma reportagem diferente

Boldrini, o pai e a madrasta			da que foi exibida no Jornal Nacional
------------------------------	--	--	---------------------------------------

Fonte: As autoras (2015)

Em setembro apenas uma matéria entre as demais exibidas no JN fazendo us de imagens amadoras migrou para o G1. Exibida no dia 25.09, explorava o fato de um tornado ter virado um barco no rio Paraguai e ter deixado mortos. O texto cita que imagens feitas por um cinegrafista amador mostram momento do resgate dos sobreviventes. O texto online é assinado pela própria repórter responsável pela telerreportagem, Cláudia Gaigher.

Quadro 7 - Migração dos vídeos amadores do JN para o G1 no mês de setembro de 2014

Assunto	Migrou para o G1	Menção ao vídeo amador	Reportagem na íntegra
Tornado vira barco em Mato Grosso do Sul e deixa três mortos	Reportagem híbrida	Sim, o texto explica o fato	Não, uma reportagem diferente da que foi no Jornal Nacional, mas com a mesma repórter

Fonte: As autoras (2015)

No mês de outubro, o número de migrações aumentou: foram quatro do total de cinco exibidas no telejornal. Logo no dia 01.10, o telejornal divulgou uma notícia dizendo que um tornado teria surpreendido moradores e causado transtornos em Brasília (DF). Esse material migrou para o G1, mas a reportagem não foi a mesma do Jornal Nacional. O texto do portal explica que imagens amadoras foram feitas por moradores em pontos diferentes da cidade.

No dia 10.10, a manchete dizia que fotos e vídeos gravados dentro da área restrita da Fundação Osvaldo Cruz, Fiocruz, mostravam chegada de paciente com suspeita de Ebola. A pauta migrou para o G1, mas não era a mesma reportagem, porém, o texto situava as imagens amadoras. Em seguida, uma notícia exibida no mesmo dia dizia que um policial militar de Goiânia era acusado de espancar um estudante. Esse ta,bé, material migrou. O texto não falava sobre o vídeo, mas ele foi exibido como hipertexto, e a reportagem não é a mesma exibida no Jornal Nacional. Ainda nesse dia uma outra notícia, sobre um redemoinho e seus estragos na festa do dia das crianças no oeste de São Paulo foi exibida na televisão, mas não ganhou espaço como parte da notícia do ciberjornal. No dia 23.10 foi mostrado um vídeo que tinha sido divulgado

explorando o fato do filho de um brasileiro ter sido sequestrado por guerrilheiros no Paraguai. O material ganhou espaço no G1. O texto comentava a existência de apenas o vídeo amador. Nesse mesmo dia mais uma matéria migrou da telinha para a web. Foi um material que utilizava o fato de parentes de pessoas internadas em um hospital promoverem um mutirão de limpeza no local migrou para o G1. A telerreportagem exibida não é a mesma do Jornal Nacional e o texto da notícia não faz menção ao vídeo.

Quadro 8 - Migração dos vídeos amadores do JN para o G1 no mês de outubro de 2014

Assunto	Migrou para o G1	Menção ao vídeo amador	Reportagem na íntegra
Tornado surpreende moradores e causa transtornos em Brasília – DF	Reportagem híbrida	Sim, o texto explica o contexto das imagens amadores	Não é a mesma telerreportagem exibida no Jornal Nacional
Fotos e vídeos gravados dentro da área restrita da Fiocruz mostram a chegada do paciente	Reportagem híbrida	Sim, o texto explica o contexto das imagens amadoras	Não é a mesma telerreportagem exibida no Jornal Nacional
Policial militar de Goiânia é acusado de espancar um estudante por acidentes de trânsito	Reportagem híbrida	Não, o texto não explica sobre as imagens amadoras	Não é a mesma telerreportagem exibida no Jornal Nacional
Divulgado vídeo de paraguaio, filho de brasileiro sequestrado por guerrilheiros	Reportagem híbrida	Sim, o texto explica sobre as imagens pois ela era a notícia	É apenas o vídeo amador
Parentes de pessoas internadas em hospital de São Vicente fazem limpeza no local	Reportagem híbrida	O texto não faz menção ao vídeo	Não é a mesma telerreportagem do Jornal Nacional

Fonte: As autoras (2015)

No mês de novembro, no dia 11, foi exibida uma reportagem que tratava sobre um temporal que castigava a cidade de Vitória da Conquista na Bahia. Esse material migrou para o G1. O texto do repórter não faz alusão ao vídeo, mas o mesmo foi disponibilizado ao internauta, sem edição, de forma bruta.

Quadro 15 - Migração dos vídeos amadores do JN para o G1 no mês de novembro de 2014

Assunto	Migrou para o G1	Menção ao vídeo amador	Reportagem na íntegra
Temporal castiga a cidade de Vitória da Conquista na Bahia	Reportagem híbrida	Não	É apenas o vídeo amador

Fonte: As autoras (2015)

No último mês do ano, três matérias com o perfil estudado migraram do programa televisivo para o ciberespaço. Em dezembro, dia 05.12, um vídeo postado pelo ex-jogador de futebol, Pelé, nas redes sociais foi a notícia no Jornal Nacional e conseguiu espaço no G1. No texto do repórter, o vídeo é citado e o que é disponibilizado para o internauta é apenas o vídeo, como foi postado nas redes sociais e não a telerreportagem. Em seguida, outro material que explorava o fato de o cantor sertanejo Renner ter se envolvido em um acidente e ter sido preso conseguiu espaço no G1. No material, o texto cita o vídeo amador e o esse é disponibilizado. Já no dia dia 29.12, um material versa sobre o fato de cinco pessoas terem morrido após serem atingidas por um raio em Praia Grande (SP). Esse material também conseguiu espaço nas duas plataformas. O texto fala sobre as imagens amadoras e é disponibilizado de forma bruta para o internauta.

Quadro 16 - Migração dos vídeos amadores do JN para o G1 no mês de dezembro de 2014

Assunto	Migrou para o G1	Menção ao vídeo amador	Reportagem na íntegra
Pelé manda mensagem em vídeo para os fãs	Reportagem híbrida	Sim	É o vídeo amador bruto

Cantos sertanejo Renner se envolve em acidente e é preso	Reportagem híbrida	Sim	É o vídeo amador bruto
Cinco pessoas morrem após terem sido atingidas por raio	Reportagem híbrida	Sim	É o vídeo amador bruto

Fonte: As autoras (2015)

Considerações finais

Pelo que podemos perceber, ao analisar os detalhes da descrição apresentada, é que não há um padrão de orientação para o tratamento despendido ao material amador que entra no telejornal no que diz respeito a sua reutilização na página do portal. A partir do que foi visto sobre o uso e o aproveitamento do material do *JN* produzido com o colaborador, podemos perceber, também, que este tem pouca importância no que tange a divulgação ou a migração para a plataforma na web. Isso mostra que o *Jornal Nacional* na televisão ainda é muito ortodoxo e busca a sustentação da sua audiência quase que exclusivamente no seu modelo tradicional.

E isso se confirma não apenas pela baixa migração ou pela falta de sequência ou escolha temática que justificasse o que migra e o que não migra, mas, também, pelo tratamento dado ao material que sai da telinha para o espaço virtual. Embora na sua totalidade as matérias não sejam as mesmas do veículo, o que em tese poderia gerar a produção de mais valor ao conteúdo, com um outro tratamento direcionado ao material, adequando à linguagem ou com uso apuração complementar e estratégias multimídias, não acontece. A grande maioria das reportagens híbridas que ocupam o espaço no ciberjornal são uma reedição do texto original, quando não a disposição exclusiva do vídeo amador bruto, sem tratamento, para o público que não viu a edição do jornal na tela tradicional.

Isso instiga muito pouco o telespectador que costuma acompanhar o noticiário na emissora a buscar a página do veículo na web para saber mais. Some-se a isso o fato de que o material do G1 raramente é assinado pela equipe de jornalistas, o que se justifica à medida em que é apenas uma retextualização do produto de origem - texto lido na TV – e não uma produção autoral, transmidiática, efetivamente.

Além da questão envolvendo a pouca valorização da plataforma digital se comparada ao dispositivo tradicional, o espaço de colaboração também não tem sido o foco do veículo. Tanto quase paritariamente a matérias citam ou ignoram a informação de se usar o vídeo amador na produção.

Também não foi encontrado um padrão temático que instigaria ou não a migração do material ou um tratamento diferenciado.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, S. **Jornalismo Digital em Base de Dados (JDBD). Um paradigma para produtos jornalísticos digitais dinâmicos.** (Tese de Doutorado).

FACOM/UFBA, Salvador. (2007)Disponível em:

<http://www.facom.ufba.br/jol/producao_teses.htm>

CANAVILHAS, J. **Jornalismo para dispositivos móveis: informação hipermultimidiática e personalizada.** Actas do IV CILCS - Congreso Internacional Latina de Comunicación. (2012)

CASTELLS, M. **O Poder da Identidade.** São Paulo: Paz e Terra, 2006. in A era da informação: Economia, sociedade e cultura. 2002.

GILLMOR, D. *We the Media – Grassroots Journalism by the People, for the People.* Hardcover, O'Reilly Media, Inc, 2004.

GROSSMANN, F. MIELNICZUK L. **Análise da usabilidade em seções interativas de webjornais: estudo de caso zerohora.com.** 10 Congresso Internacional de ergonomia e usabilidade de interfaces humano-computador. Anais. Rio de Janeiro. 2010.

JENKINS, H. **Cultura da convergência.** 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

JENSEN, Jens F. **‘Interactivity’. Tracking a new concept in media and communication studies.** Disponível em

<http://academic.research.microsoft.com/Author/7638708/jens-f-j-ensen> . Acesso em 20.02.2015.

LEMONS, A. **Cibercultura e Mobilidade: a Era da Conexão.** Razón y Palabra, n. 41, 2004. Disponível em . Acesso em 23 maio 2010.

MACHADO, A. **O sujeito na tela: modos de enunciação no cinema e no ciberespaço.** São Paulo, 2007.

MACHADO, E. **Banco de dados como formato no jornalismo digital.** In: Ciências da Comunicação em Congresso na Covilhã. III Sopcom, VI Lusocom, II Ibérico, UBI (CD-ROM), 2004

MEMÓRIA GLOBO. *Jornal Nacional: a notícia faz história*, Jorge Zahar, 2004.

MIELNICZUK, L. **Características e implicações do jornalismo da Web**. Trabalho apresentado no II Congresso da SOPCOM. Lisboa, 2001.

_____. **Jornalismo na Web: uma contribuição para o estudo do formato da notícia na escrita hipertextual**. (Tese de Doutorado). FACOM/UFBA, Salvador. (2003). Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/jol/producao_teses.htm>. acesso em 22.02.2015.

PRIMO, A. **Interney blogs como micromídia digital: elementos para o estudo do encadeamento midiático**. Contracampo (UFF), 2008.

RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. – Porto Alegre: Sulina, (Coleção Cibercultura) 2009.

SALAVERRÍA, R.; NEGREDO, S. *Periodismo integrado: con-vergencia de medios y reorganización de redacciones*. Barcelona: Editorial So 190 Media, 2008.

THOMPSON, J. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis: Vozes, 1998.

PORTAL DO G1. www.g1.com.br

ZAGO, Gabriela. **Recirculação jornalística no Twitter: filtro e comentário de notícias por interagentes como uma ferramenta de potencialização da circulação**. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de pós-graduação em comunicação e informação. Porto Alegre, 2011.